

condicionam mutuamente” e cuja exacerbação constitui “o meio mais eficaz para provocar o desenvolvimento da vida, para fomentar a exuberância das forças da sociedade”.

Quando pior, melhor! Porisso, benvinda a máquina que entrega as massas à exploração, benvindos o pauperismo, a fome, o desespero! Benvindo também o capitalismo, porquanto é a “Mãe” semelhante à “meretriz dos mitos babilônicos, anunciada pelos profetas judaicos, que estava sentada à margem das grandes águas e se prostituía com os reis da terra”, a grande prostituta, a “mãe de toda danação”, em cujo ventre vive o “que cresce na mãe” até dilacerá-la e matá-la. Como aquele “que cresce no ventre materno”, como o inimigo oculto e vencedor do capitalismo, que este procria dialéticamente de sua própria carne, tal se afigura Marx o proletariado:

“Enquanto o número dos magnatas do capital diminui constantemente, cresce o quantum da miséria, da opressão, do desprezo, da humilhação, da exploração e, com ela, a revolta da classe operária, que se avoluma dia a dia, disciplinada, unida e organizada mercê do próprio mecanismo do processo capitalista de produção. A concentração dos meios de produção e a socialização do trabalho alcançam um ponto em que se tornam incompatíveis com seu envólucro capitalista. Este então arrebenta”.

A força das imagens míticas sob cuja forma se há desvendado à vista dos profetas de Israel a luta final do Bem e do Mal, anima também as descrições em que Marx, na língua da economia política, esboça os tempos próximos de terror e de destruição: a acumulação das riquezas nas mãos dum número menor de capitalistas levará a uma concorrência cada vez maior entre eles, a crises comerciais cada vez mais graves e ao aumento contínuo do “exército de reserva industrial” cuja importância “cresce em função das potências da riqueza”. Esse exército de reserva, concentrado em massas cada vez mais numerosas, continuará fazendo baixar cada vez mais os salários e tornando as condições do trabalho cada vez mais cruéis e miseráveis. Assim, o “mecanismo do processo capitalista de produção” tem de acentuar continuamente o antagonismo entre exploradores e explorados. Por um salário cada vez menor, o operário terá de produzir um trabalho cada vez mais árduo. “No fim da luta desigual entre a procura e a oferta, que termina pela derrota da última” ele terá de carecer completamente de pão por períodos umas vezes mais curtos, outras vezes mais longos. Afinal, porém, quando soar a hora, uma enorme maioria de miseráveis e de desesperados, cônica de sua solidariedade e tornada homogênea mercê do trabalho mecânico, enfrentará uma maioria reduzidíssima de ricos vivedores. Então, o mundo, carregado dos pecados da ordem capitalista, será destruído no incêndio da grande revolução.

* * *

Esse olhar que encara todo o viver e o “devenir” como um processo de tese e antítese tem outrossim de considerar necessariamente a humanidade como dividida em duas partes irreconciliavelmente opostas: dum lado, a classe operária “cuja fonte de vida principal é o salário” e do outro, a classe capitalista “cuja fonte de vida é o lucro, os juros e a renda imobiliária”. Dêsse ponto de vista, ambas as classes parecem mais profundamente separadas do que as raças humanas mais heterogêneas. De fato, a burguesia dum país qualquer tem mais laços que a prendem a tôdas as outras nações da terra do que aos operários que moram junto a ela. Outra linguagem, outras idéias e conceitos, outros costumes e outros princípios morais, uma outra religião e uma outra política, eis os seus distintivos.

Segundo Marx, entre tais grupos humanos separados pelo fundo primário de sua natureza e de sua aparência exterior, nunca haverá um acôrdo pacífico. A diferença genérica que aqui impera é insuperável — é uma questão que se deve liquidar combatendo, até que a antítese domine a tese e a destrua. Luta, eis a única relação histórica possível entre exploradores e explorados, luta por toda parte na terra, e sempre, até a vitória completa duma classe e a destruição total da outra. Um mundo de paz e de união somente pode ser gerado como fruto dessa aniquilação da “mãe”.

Inebriado pela visão duma humanidade dividida em duas partes hostis, intimamente convicto de que só o alargamento sistemático do hiato que separa capital e proletariado é capaz de trazer a suprema salvação, Marx desprezou, crivando-o das setas de sua mais acerba ironia, tudo o que, em redor dêle, ainda aspirava a superar e reconciliar os antagonismos, congregando-os pacificamente.

Trata de “voo fantástico por cima da batalha” as teorias dos utopistas que inventam uma reorganização harmônica da sociedade, querem melhorar a situação material de todos os componentes da sociedade, graças a uma espécie de “panacéia” e apelam assim ininterruptamente para toda a sociedade, sem distinção de classes. Que formidável “engano” acreditar na possibilidade duma reforma universal por meio dêsses “castelos no ar”! Com soberbo desprezo, Marx declara que os utopistas carecem “do conhecimento das leis que regem a vida histórica”. Realmente, é apenas por ignorância que se pode chegar à ilusão de que a introdução dum determinado sistema artificialmente inventado possa de repente interromper a evolução dialética da história e fazer passar, sem luta, o mundo dum estado de antagonismos de classes para um estado de harmonia.

Ao profeta da luta de classes, não se afiguram menos absurdos essas associações de operários e êsses *leaders* socialistas que imaginam poder banir a miséria dentro da ordem existente, mercê duma mediação entre os contrários, dum entendimento e de contratos pacíficos com o capital, duma ampliação dos direitos dos trabalhadores. Eles também se ufanam, pensando planar por cima da pugna; eles tam-